

ENXURRADA: DA GRAVURA EM ÁGUA-FORTE COMO POTÊNCIA EXPERIMENTAL

PEDRO E FREITAS PEREIRA PAIVA¹; HENRIQUE TORRES DE SOUZA²;
MÁRCIA REGINA PEREIRA DE SOUSA³.

¹*Universidade Federal de Pelotas- pedrofppaiva@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas - henriquetorresdesouza@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – marcia.sousa.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar uma síntese a respeito do desenvolvimento de uma oficina experimental de gravura em metal ministrada por mim e pelo aluno Henrique Torres do curso de Artes Visuais no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Essa oficina foi realizada em julho de 2016, no âmbito do projeto “Ensinar e aprender no atelier de gravura da UFPel”, cujo objetivo é propor um espaço de ensino, aprendizado e investigação, que envolva processos técnicos e conceitos relacionados ao universo gráfico, assim como um espaço de diálogo e troca, que possibilite articulações colaborativas entre os diversos frequentadores dos ateliês de gravura do Centro de Artes.

Essa ação foi proposta diante da possibilidade de articular o meu trabalho como bolsista de iniciação à docência junto aos professores de gravura do Centro de Artes e a proposição de experiências de ensino colaborativas com colegas graduandos em Artes Visuais na UFPel. Assim sendo, propusemos uma oficina aberta de gravura em água-forte, com o fim de experimentar materiais alternativos aos tradicionalmente utilizados, objetivando tornar a técnica mais acessível.

Em termos históricos, segundo JORGE; GABRIEL (1986) o surgimento da água-forte remonta ao Renascimento, mais precisamente ao século XVI, concomitantemente na Alemanha e Itália. A primeira impressão historiografada é de autoria do suíço Urs Graf e data do ano de 1513. Logo então, nomes como Albrecht Dürer e Albrecht-Altorfer na Alemanha e Lucas de Leyde nos Países Baixos, passariam a cunhar uma tradição da técnica no século XVI. Será Rembrandt, no século XVII, o primeiro grande gravador em água-forte, responsável por estabelecer parâmetros de qualidade. Ainda, nomes como Abraham Bosse, Jacques Callot no século XVII e mais tarde, no século XVIII, Jean-Honoré Fragonard na França, Giovanni Battista Piranèse na Itália, Willian Blake na Inglaterra, bem como Francisco de Goya na Espanha, contribuiriam para o desenvolvimento da técnica e estabelecimento de sua tradição. Dessa forma, a gravura em água-forte possui uma herança desenvolvida e trabalhada com sério afinco por grandes artistas.

Entretanto, observando uma baixa procura desta técnica nos ateliês de gravura da UFPel ponho-me a especular as possíveis razões para tal. Compreendendo este conjunto histórico e ainda a produção contemporânea de gravura, observo uma espécie de receio por conta de uma falta de materiais para uma produção tão específica.

Portanto, essa oficina surge no intuito de demonstrar como esta técnica, ainda que detentora de certo rigor, pode ainda ser uma técnica acessível e extremamente potente para ser explorada.

Aqui, presto meu reconhecimento e consideração para com os esforços da professora e pesquisadora do Centro de Artes da UFPel, Angela Pohlmann, que

vem desenvolvendo um importante trabalho de pesquisa na Universidade Federal de Pelotas em relação à gravura alternativa não-tóxica, com a colaboração de alunos e professores. Segundo POHLMANN (2009, p. 3122):

A história da gravura vem sendo acompanhada da evolução de várias técnicas e de vários materiais, que se sucedem dando mais aprimoramento à realização das imagens. Recentemente, com as dúvidas e reflexões que surgem sobre os efeitos nocivos na utilização das técnicas tradicionais de gravação na gravura, faz-se necessária esta reformulação nas nossas práticas cotidianas, a fim de atualizarmos nossos métodos tradicionais com os materiais que temos a nosso dispor na atualidade e neste momento de evolução tecnológica.

2. METODOLOGIA

Assim sendo, a oficina de água-forte proposta foi uma atividade de caráter fundamentalmente prático e experimental. Limitamos a um público de 6 pessoas, pois foi concebida justamente como experimento para futuras oficinas de maior alcance.

A gravura em água-forte é uma técnica que integra o sistema de impressão calcográfico, ou seja, é um dos métodos de gravação em matriz de metal (CADAFALE; OLIVA, 2003). De grande tradição e preciosidade, ousa afirmar enquanto pesquisador, que estas duas palavras são de peso fundamental no entendimento desta técnica. Ainda, integra o que se chama de processo indireto¹. Obtém-se a gravação ao vedar a superfície da matriz com um verniz (comumente à base de um composto de betume da judéia e cera de abelha) que será riscado com uma ponta seca, traçando linhas e pontos que formarão a imagem. Após este processo, a matriz é banhada em um mordente, que realizará a gravação dos traços sobre a chapa metálica, transformando-os em sulcos. Tratando-se de matrizes de cobre, o mordente tradicionalmente utilizado é o ácido nítrico. Atualmente tem se utilizado o percloroeto de ferro, que é um sal corrosivo menos nocivo à saúde do gravador e ao ambiente e que permite ainda uma maior precisão das linhas.

Considerando os princípios básicos da gravura em água-forte apresentados, buscamos elencar uma série de materiais alternativos como a matriz de fenolite² em alternativa à matriz maciça de cobre. Para isolamento da matriz levamos cera de abelha pura, papel contact, tinta em spray e caneta marcadora permanente. Com tais materiais à vista, demonstrou-se as possibilidades que cada um permitia, dando livre escolha de uso aos participantes. Decidimos pelo critério da livre escolha pois, como afirma BUTI (1996, p. 109),

Este é o ponto-chave para compreender a técnica como processo intelectual: a partir do momento em que associa a gravura a um projeto poético, o artista seleciona, no arsenal técnico disponível, apenas o necessário para produzir os signos correspondentes à manifestação integral do seu pensamento afetivo, incluindo dúvidas e desejos.

¹ “Na gravura calcográfica, consideram-se técnicas indiretas aquelas em que se necessita de um meio para gravar. Geralmente, faz-se referência à necessidade de utilizar algum tipo de mordente durante um tempo determinado, para erodir a superfície do metal.” (CADAFALE; OLIVA, 2003, p. 64).

² Placa composta por uma folha de cobre fixada sobre uma base plástica. É usada na produção de circuitos eletrônicos.

Dessa forma, os participantes optaram unanimemente pelo uso da cera de abelha. Justificaram a escolha por serem inexperientes na técnica e terem desejo de experimentar a alternativa mais fiel possível à tradição para familiarização. Foram demonstrados os processos de isolamento da chapa, gravação, limpeza e entintagem, que foram assimilados pelos participantes e realizados de forma independente.

A meu ver, a surpresa é um caráter fundamental da gravura. Isto é, na produção de uma matriz, estamos sempre trabalhando em uma imagem que ainda não existe, como afirma BUTI (1996). É como um jogo de xadrez, no qual sempre estamos pensando adiante. Portanto, buscamos não intervir de maneira diretiva nas escolhas de tratamento dos participantes, nos limitando a informá-los sobre os possíveis resultados.

Apresentamos ainda, como proposta final, a produção de uma publicação com estas gravuras. Assim, ao longo dos dois dias de oficina discutimos e realizamos a produção dessas imagens. Foram gravadas e impressas dez matrizes, em seguida diagramamos coletivamente o formato para a publicação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desta experiência foram obtidos resultados de gravação e impressão das mais diversas características. *Erros* foram cometidos de propósito e *acertos* por acidente. Mas justamente das qualidades gráficas destas imagens foi que articulamos uma série de agenciamentos capazes de nos fazer compreender e perceber as possibilidades da gravura em água-forte.

O caráter de introdução à técnica desta oficina foi preservado e cumpriu sua função. Logo de início o estranhamento e o receio deram lugar à curiosidade e ao interesse. O caráter experimental proporcionou a criação de uma rede de afetos entre o grupo, o espaço do atelier e os procedimentos técnicos envolvidos no fazer, de maneira que os entendimentos fluíram em discussão e o levantamento de futuras possibilidades foram expostos.

O resultado dessa experiência de ensino atingiu níveis extraordinários em relação a nossas expectativas. O nível dos afetos dos pares entre si, e entre os pares com a técnica foi tamanho que formamos espontaneamente um grupo de gravura em água-forte chamado ***Enxurrada***, o título principal deste texto.

Esse movimento se deu em decorrência justamente da observação dos resultados de gravação. Tratando-se de água-forte, estávamos lidando com a corrosão da placa. Parte dos resultados apresentavam a formação das chamadas “bacias”³, bem como de linhas alargadas e grosseiras que atravessavam a folha de cobre da matriz, chegando ao plástico de base. Assim, como uma brincadeira, batizamos ***Enxurrada*** tamanha a força desta água-forte. Em decorrência disto, intitulamos nossa publicação como “Enxurrada N.1”.

Dessa forma, considero este trabalho ainda em andamento enquanto o grupo permanecer em atividade. Essa foi uma primeira experiência de ensino e partilha de conhecimentos, na qual buscamos apresentar a técnica a um pequeno grupo. Futuramente, pretendemos estender este projeto a grupos maiores, permitindo assim um maior aproveitamento da potência de compartilhamento deste tipo de encontro.

4. CONCLUSÕES

³ Áreas alargadas de gravação que não permitem precisão da impressão, consideradas em alguns casos como erros de execução pela gravura tradicional.

Isso posto, o **Grupo Enxurrada** nasce de uma introdução experimental à técnica da gravura em metal em água-forte. Ao decodificar a água-forte em princípios básicos de entendimentos e procedimentos, buscamos tornar possível a compreensão de como este campo de alto prestígio é também fruto de experiências do mesmo caráter. Tais experiências buscam a descoberta de possibilidades que passam a integrar o acervo do professor-pesquisador-artista.

Ressalto aqui que não é nossa intenção ir contra a tradição e o preciosismo citados. É justamente assimilá-los para a tomada de conhecimento, para possibilitar a escolha do gravador e fundamentalmente alimentar seu desejo de experimentação considerando as condições que este tem em mãos. Criando, assim, uma rede de agenciamentos que possibilitem a incorporação de ferramentas e qualidades alternativas, pois como diz BUTI (1996, p. 109),

A técnica vivida serve unicamente para a realização *daquele trabalho*, em cuja busca poderá inclusive subverter a técnica do manual (...). É mais que experimental: é soma das experimentações com sua crítica.

Portanto, este trabalho procurou abordar a experiência de uma oficina aberta ao público que teve como principal objetivo demonstrar as possibilidades alternativas da técnica de água-forte. Buscamos tornar acessíveis e demonstrar as possibilidades deste campo, formando assim um grupo de estudo e discussão, bem como de produção poética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTI, Marco; LETYCIA, Anna. **Gravura em metal**. São Paulo: Editora USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BUTI, Marco. A Gravação Como Processo do Pensamento. **Revista Usp**. São Paulo, n. 29, p.107 – 112, Março/Maio 1996. Acessado em 25 de julho de 2016. Online. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25647/27385>

CADAFAL, Jordi; OLIVA, Clara. **A gravura: a técnica e os procedimentos em relevo, em cavado e por adição**. Lisboa: Editorial Estampa, 2003.

CHAMBERLAIN, Walter. **Manual de aguafuerte y grabado**. Madri: Tursen Herman Blumen Ediciones, 1988.

JORGE, Alice; GABRIEL, Maria. **Técnicas da Gravura Artística**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

POHLMANN, Angela. Gravura Não-Tóxica: uma experiência no atelier de gravura em metal da universidade (UFPel). In: **Anais do 18º Encontro Nacional da ANPAP**, Salvador, Bahia, 2009.

Acessado em 25 de julho de 2016. Online. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/ceav/angela_raffin_pohlmann.pdf